

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

LETÍCIA CAROLINA DA SILVEIRA MACEDO

DO *ESSEX* AO *PEQUOD*: FATO, FICÇÃO E SIMBOLOGIA EM *MOBY DICK*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURTIBA

2014

LETÍCIA CAROLINA DA SILVEIRA MACEDO

DO ESSEX AO PEQUOD: FATO, FICÇÃO E SIMBOLOGIA EM *MOBY DICK*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Helena Urias Cabreira

**CURITIBA
2014**



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão
Departamento Acadêmico de Letras Estrangeiras
Modernas
Curso de Graduação em Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

Do Essex ao Pequod: fato, ficção e simbologia em Moby Dick

por

Letícia Carolina da Silveira Macedo

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em dezoito de agosto de dois mil e quatorze como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Regina Helena Urias Cabreira
Professora orientadora

Márcia dos Santos Lopes
Membro titular

Maristela Pugsley Werner
Membro titular

Dedico este trabalho aos meus avôs Castro Alves e Lauro Macedo, por deles ter herdado o gosto pela arte e pela literatura.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui e ter me dado a força necessária para enfrentar todos os desafios dessa caminhada.

Aos meus pais José Luiz e Mara, por serem sempre tão maravilhosos comigo, pelo apoio incondicional, mesmo quando nem eu acreditava mais em mim, por me ensinarem todos os valores que carrego comigo e por todo amor e carinho que sinto de vocês todos os dias.

Aos meus irmãos Ana Cláudia e Bruno, por me aguentarem mesmo nos momentos mais difíceis, por me distraírem quando estava prestes a explodir, pela amizade e por toda cumplicidade. Deus não poderia ter me presenteado com irmãos melhores.

À vó Marli, por ser um exemplo de mulher que um dia espero alcançar. Aos meus padrinhos Carlos Alberto e Sônia, por terem acreditado em mim e contribuído com a minha formação. Aos meus demais familiares, pelo incentivo que me deram.

Aos meus amigos, Danielle, Gabriela, Ismair e Virginia, por todo companheirismo, força e incentivo que me deram, além de compartilhar as mesmas angústias e dificuldades.

Aos demais colegas, pelos momentos de discussões, de desespero e principalmente de alegria partilhados.

À Professora Regina, por ser mais que uma professora, por ter nos acolhido e cuidado de nós como uma mãe, ensinando muito além dos conhecimentos acadêmicos, ajudando-nos a ser profissionais e pessoas melhores, e por ter aceitado me guiar no desenvolvimento deste trabalho.

Às professoras da banca examinadora, Márcia Lopes e Maristela Werner, por dedicar um tempo para ler, refletir e contribuir com esse trabalho.

Aos professores do curso de Letras de UTFPR, que contribuíram para a formação do profissional que sou hoje. Entre ensinamentos, momentos de descontração e até de sofrimento, aprendi a respeitá-los e admirá-los.

“O drama findou. Então, qual a razão deste adendo? Ele existe porque uma pessoa sobreviveu ao naufrágio”

(MELVILLE, Herman, 1851)

RESUMO

MACEDO, Letícia Carolina da Silveira. **Do Essex ao Pequod: fato, ficção e simbologia em *Moby Dick***. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letras Português/Inglês – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014

Esse trabalho objetiva uma análise mitológica dos símbolos presentes na obra norte-americana *Moby Dick ou A Baleia* (1851), de Herman Melville, principalmente aqueles que marcam a relação entre o Capitão Ahab e Moby Dick. Antes da análise em si, pretende-se explorar o romance sob uma perspectiva histórica a partir do desastre que aconteceu em 1821 com o navio baleeiro *Essex*. Tal fato foi causado pelo ataque de uma baleia cachalote, relatado na obra *No Coração do Mar* (2000), de Nathaniel Philbrick. Esse ataque serviu de inspiração para Melville escrever sua obra-prima. Esse estudo abarca os campos da sociologia, da história e da simbologia, por isso, como aporte teórico serão utilizadas, principalmente, as contribuições de Candido (2000), Eagleton (2006), Parker (2008) e Campbell (1990), assim como as interpretações de símbolos de Chevalier e Gheebrant (1999).

Palavras-chave: Literatura norte-americana. História. Simbologia. *Moby Dick*. Capitão Ahab.

ABSTRACT

MACEDO, Letícia Carolina da Silveira. **From *Essex* to *Pequod*: fact, fiction and symbolism in *Moby Dick***. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letra Português/Inglês – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014

The purpose of this paper is a mythological analysis of the symbols presented in the North-American novel *Moby Dick or The Whale* (1851), by Herman Melville, mainly those symbols that highlight the relation between Captain Ahab and Moby Dick. Before the analysis itself, it is intended to explore the novel through a historical approach starting from the disaster that happened in 1821 with the whaleship *Essex*. This fact was caused by the attack of a sperm whale, and it is related in the novel *In the Heart of the Sea* (2000), by Nathaniel Philbrick. The attack was an inspiration for Melville to write his masterwork. This study covers the fields of Sociology, History and Symbolism, so, as theoretical contribution it will be used, mainly, the works by Candido (2000), Eagleton (2006), Parker (2008) and Campbell (1990), as well as the interpretations of symbols of Chevalier and Gheebrant (1999).

Key-words: North-American Literature. History. Symbolism. Moby Dick. Captain Ahab.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PANORAMA HISTÓRICO E ANÁLISE LITERÁRIA	12
2.1 O PERÍODO ROMÂNTICO NOS ESTADOS UNIDOS	12
2.2 HERMAN MELVILLE, ROMANTISMO E TRANSCENDENTALISMO	15
2.3 <i>MOBY DICK</i>	17
2.4 DO <i>PEQUOD</i> AO <i>ESSEX</i>	22
3 ANÁLISE MITOLÓGICA E DE SÍMBOLOS	27
3.1 MITOLOGIA	27
3.2 SÍMBOLOS	29
3.2.1 Mar	29
3.2.2 Baleia	31
3.2.3 Branco	32
3.2.4 Nome das Personagens	33
3.3 NATUREZA	35
3.2.3 Branco	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O Romantismo, corrente literária que durou do século XVIII até o XIX, chegou aos Estados Unidos quando o país alcançou a independência, em 1776. Com o desejo de definir a identidade norte-americana, autores como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Herman Melville criaram personagens que foram de encontro aos tradicionais protagonistas ingleses, geralmente pertencentes à classe econômica mais pobre, que ascendem socialmente no decorrer dos enredos. Além disso, a natureza passa a ser o pano de fundo da maioria dos romances românticos, e a busca pelo autoconhecimento, o maior objetivo. Esses ideais vieram de uma vertente que surgiu com o Romantismo, o *Transcendentalismo*, cujo maior representante é o autor Ralph Wadon Emerson (1803-1882), e tal vertente norteou a produção de diversos escritores da época.

Obra pertencente a esse período, *Moby Dick ou A Baleia* (1851), de Herman Melville (1819-1891), é baseada num acontecimento real, o naufrágio do navio baleeiro *Essex*, que em 1821, sofreu o ataque de uma baleia cachalote.

Sem condições de estudar, Herman Melville viveu durante muitos anos em alto mar, juntamente com outros baleeiros de Nantucket. Começou a participar de atividades marítimas quando tinha apenas 19 anos, em 1837, e nunca mais parou. Suas experiências renderam-lhe diversas produções literárias, relatando as aventuras que viveu. Numa de suas viagens, em 1841, Melville conheceu a história do naufrágio do *Essex*, ocorrida em 1821. O início dessa história, ou seja, o momento do ataque da baleia foi inspiração para o autor escrever *Moby Dick ou A Baleia*. Partindo, então, desse fato histórico, Herman Melville embarcou num mundo de ficção e incorporou ao enredo símbolos que tornaram este livro a sua obra-prima.

A tragédia que aconteceu com o navio *Essex*, em 1821, além de embasar a história de Melville, contou com diversas versões em livros, baseadas nos relatos dos sobreviventes. A primeira delas, inclusive, foi escrita pelo próprio Owen Chase¹ logo após o seu retorno a Nantucket, intitulada *The Wreck of the Whaleship Essex (1821)*, além da versão de Thomas F. Heffernan, *Stove by a Whale*, de 1981. O historiador

¹ Owen Chase foi o primeiro imediato do navio baleeiro *Essex* e um dos sobreviventes.

norte-americano Nathaniel Philbrick também escreveu sobre essa tragédia, na obra *No Coração do Mar*, datada de 2001, que conta em detalhes como aconteceu o incidente, além de como foi a luta pela sobrevivência da tripulação, que durou mais de 90 dias.

Portanto, o objetivo desse trabalho é entender de que forma o ataque de uma baleia ao navio *Essex*, em 1821, contribuiu para desenvolver o universo narrativo presente em *Moby Dick ou a Baleia*, além de estudar o aspecto simbólico e mitológico na obra, com foco na relação entre homem e natureza, representada pelo Capitão Ahab e Moby Dick. Isso se justifica, pois o enredo de *Moby Dick* é repleto de elementos simbólicos, que envolvem o homem e a natureza numa relação única. Dentre as diversas versões publicadas sobre o ataque ao navio *Essex*, citadas no parágrafo anterior, escolhemos *No Coração do Mar* (2001), pela sua riqueza de detalhes, fornecendo informações não somente sobre o naufrágio, mas também sobre a caça baleeira.

Diversos estudos já foram realizados sobre *Moby Dick*. Dentre eles, podemos destacar o artigo *Ahab, American* (2012), de Susan McWilliams, que mostra o capitão como uma representação do típico cidadão americano e como a obra pode ser uma transposição da preocupação de Melville com o crescimento do regime democrático no país. Além desse, temos os estudos de Ravel Paz (2003), no artigo *Da ordem mítica ao “caos enfeitado”*: O homem e o mundo na *Odisséia* de Homero e em *Moby Dick*, de Hermam Melville, no qual a obra norte-americana é comparada à de Homero e elevada ao nível de uma epopéia; e as análises dos símbolos religiosos de Carlos Caldas no texto *Elementos religiosos em Moby Dick, de Hermam Melville: da (re)descoberta da importância da literatura para o estudo da religião*, de 2004.

Durante a revisão de literatura, não foi encontrado um estudo que levasse em consideração o fato de o enredo contar com um acontecimento real. Além disso, encontram-se poucos trabalhos que contam com uma investigação do aspecto mitológico da obra, mais precisamente dos símbolos que Melville incorporou ao enredo, como a cor branca da baleia, por exemplo.

Este trabalho foi estruturado da seguinte forma: o segundo capítulo aprofundará aspectos do Romantismo e como o autor encaixa-se em tal período literário, e contará com uma análise literária da obra *Moby Dick*. Nesse momento, tornar-se-ão

necessárias, principalmente, as obras de Antonio Candido (2000) em seu texto *Literatura e Sociedade*; de Terry Eagleton, em *Teoria literária: uma introdução* (2006); e de Robert Dale Parker, *How to interpret Literature* (2008). Além disso, será feita uma análise histórico-social da obra de Melville a partir do estudo de Antonio Candido, com enfoque em como o fato verídico contribuiu para o desenvolvimento do universo narrativo na obra de ficção.

No terceiro capítulo será abordada uma pesquisa no campo da mitologia, analisando os principais símbolos que permeiam a obra, com as contribuições de Joseph Campbell em *O Poder do Mito* (1990), assim como o Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1999).

O desenvolvimento deste trabalho contará com uma pesquisa de caráter exploratório, com um estudo sobre a relação entre fato e ficção e, posteriormente, o simbolismo presente na obra *Moby Dick*. O procedimento terá como suporte uma abordagem bibliográfica a fim de reunir embasamento teórico suficiente para o desenvolvimento da análise histórica e literária e interpretação de símbolos.

Este estudo busca contribuir para os estudos já existentes na área de literatura, mais especificamente literatura norte-americana, através de uma análise diferenciada de *Moby Dick*, tomando como ponto de partida o relato do ataque de uma baleia cachalote ao navio *Essex*, em 1821, que inspirou Melville a escrever sua obra. Além disso, almeja-se também, uma discussão sobre os principais símbolos que aparecem na obra e que marcam a problemática relação entre Ahab e o cetáceo, baseada na relação do homem com a natureza.

2 PANORAMA HISTÓRICO E ANÁLISE LITERÁRIA

2.1 O PERÍODO ROMÂNTICO NOS ESTADOS UNIDOS

O Romantismo foi uma corrente literária que surgiu no final do século XVIII e marcou a arte no mundo inteiro até metade do século XIX. Nos Estados Unidos, tal período começou a se formar após a independência do país, que aconteceu em 1776. Como o país tinha conseguido desprender-se da relação de dependência com o seu colonizador - a Inglaterra - o Romantismo desenvolveu-se com um desejo de formar a identidade norte-americana.

Apesar de ter surgido no país no fim do século XVIII, a corrente literária conseguiu força a partir do século XIX, com Washington Irving, Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, entre outros, considerados como autores que deram “legitimidade à prosa norte-americana” (GOMES, p. 48, 2009). Isso porque o país ainda estava instável, a população crescia constantemente devido ao *Destino Manifesto*² e, devido a essa rapidez, famílias espalharam-se por toda as regiões do país e o poder e a tecnologia expandiram-se para além da região leste, alcançando o centro e o oeste do país.

Nesse momento, a ideia principal, segundo Gomes (2009, p. 49) era ver a escrita como produto da “emoção e subjetividade”. Indo de encontro às tradicionais obras europeias que eram apreciadas no mundo todo, os novos escritores americanos — exceto talvez Washington Irving, que tentou de alguma forma ligar as duas literaturas — deixaram de considerá-las modelos a serem seguidos, pelo contrário, levantaram questionamentos sobre a relação que (não) existia entre tais obras e o contexto atual do país. O nacionalismo crescente transformou a cultura norte-americana em sua maior fonte de expressão. Por isso, os heróis da literatura romântica americana são diferentes dos heróis europeus, que geralmente vêm de uma classe socioeconômica baixa e ascendem socialmente no decorrer do enredo. Os escritores americanos, indo de encontro aos europeus, “moldaram figuras heroicas grandiosas, impregnadas de

² “De acordo com esse conceito, os Estados Unidos tinham o direito divino de se expandir por praticamente toda a América do Norte.” (GOMES, 2006, p. 48).

significado mítico” (VanSPANCKEREN, p. 38, 1994). De acordo com Spiller (1967, p. 23), citado por Gomes (2006, p. 49):

Coming to the United States at the moment of awakening national consciousness, (the Romantic Movement) assumed an even more ardent nationalism than it had in the older countries abroad. This attitude was expressed in the denial of tradition and of the European inheritance, a delight in the grand scale and the infinite mysteries of nature on the unexplored western continent and a pride in the “American ideas” which had so successfully created the Republic [...] The creation of an American myth out of the new materials was its first and greatest task.³

Somando e dando força ao sentimento de nacionalismo, diversos autores românticos basearam-se nos ideais de Ralph Wadon Emerson (1803-1882), pensador e escritor que afirmava que a natureza está acima do cientificismo e que o indivíduo deve dar valor a si e ao seu pensamento. Não era mais necessário apoiar-se em teorias que procuravam provar determinados fatos. A natureza, com sua força misteriosa e inexplicável, formou o cenário das prosas românticas norte-americanas que, de acordo com VanSpanckeren (1994) se tornaram “obras sérias que usavam técnicas especiais para comunicar significados complexos e sutis.” (p. 38). O conjunto desses ideais formou uma filosofia que foi absorvida pelos autores românticos e que foi denominada *Transcendentalismo*.

Conforme destacado por Bode (2000, p. 53), “transcendentalism has been defined philosophically as ‘the recognition in man of the capacity of knowing truth intuitively, or attaining knowledge transcending the reach of the senses’”.⁴ Além disso, conforme o mesmo autor, a integridade da mente humana é o que há de mais sagrado, e por isso o ser humano na sua essência deve ser valorizado. Essa valorização é alcançada quando é possível transcender o materialismo (tão presente no mundo) e alcançar a natureza, que por sua vez “é enobrecedora” (BODE, 2000, p. 53). De acordo

³ “Vindo para os Estados Unidos num momento de despertar da consciência nacional, o Romantismo assumiu um nacionalismo ainda maior do que os países ao seu redor. Essa atitude foi expressa pela negação da tradição e da herança Europeia, um prazer em grande escala e nos infinitos mistérios da natureza sobre o Ocidente inexplorado e um orgulho das “Ideias Republicanas” que criaram com sucesso a República. A criação de um mito americano foi a primeira grande tarefa.” (Tradução da autora do trabalho)

⁴ “transcendentalismo foi definido filosoficamente como ‘o reconhecimento no homem da capacidade de conhecer a verdade de forma intuitiva, ou obter um conhecimento que transcende o alcance dos sentidos’”. (Tradução da autora do trabalho)

com Gomes (2006, p. 53), “o universo seria um grande símbolo, em que a natureza seria o elemento mais simbólico de todos, repleto de signos”. E quando o homem aprende isso, que a natureza está além do racionalismo, ele torna-se capaz de entender “as verdades da vida”.

Dentro dessa vertente, o termo que mais se encaixa e a representa é o *self*⁵. O ser humano, de acordo com Emerson, deve ter autoconfiança e ser, de certa forma, egocêntrico. Ele deve perseguir uma constante busca pelo autoconhecimento, pois conhecendo a si próprio, ele é capaz de conhecer e compreender o universo e a forma de alcançar o autoconhecimento é transcendendo “o mundo material através da emoção e da intuição” (GOMES, 2006, p. 54).

Emerson distinguiu, ainda, os termos *razão* (*reason*) e *entendimento* (*understanding*), sendo o primeiro uma faculdade inata, intuição e o segundo uma faculdade racional, fundada em conhecimentos científicos. Dentro do transcendentalismo, o ser humano deve deixar a *razão* sobrepor-se ao *entendimento*. A *razão* é o que forma o *self* e aproxima o homem da natureza.

Além de Emerson, o Transcendentalismo contou com os pensamentos de Henry David Thoreau (1817-1862), que abandonou a vida no meio da tecnologia e industrialização e viveu durante dois anos em contato com a natureza, à beira do lago Walden, em Massachusetts. Essa experiência rendeu-lhe a obra *Walden* (1985), na qual registra os momentos em que viveu sozinho. De acordo com o que escreve Astrid Cabral, no prefácio da obra *Walden* (1985), que foi traduzido por ela, é “a obra literária mais significativa do Transcendentalismo” (CABRAL, 1985 apud THOREAU, 1985, p. 8).

Thoreau foi o intelectual que mais levou a sério o individualismo e a ideia de *transcender* entrando em contato com a natureza. Ele acreditou seriamente que é possível o ser humano encontrar seu verdadeiro “eu”, ou o seu “*self*”, através do contato com a natureza, e para isso, nenhum tipo de tecnologia ou invenção do homem torna-se necessário.

⁵ O *self* para o Transcendentalismo é, de acordo com Gomes (2006, p. 53), “a essência de cada pessoa”, a expressão individual.

2.2 HERMAN MELVILLE, ROMANTISMO E TRANSCENDENTALISMO

Herman Melville, conforme citado anteriormente, não era somente um escritor romântico, mas também um transcendentalista, e um dos mais conhecidos autores dessa época.

Membro de uma família abastada que foi à falência após a morte de seu pai, não teve chance de ir para a escola terminar seus estudos. Como consequência, entregou-se de corpo e alma à atividade marítima, vivendo durante muitos anos em alto-mar. Durante as suas viagens, levava consigo diversos livros, por isso a sua vasta erudição sobre todas as áreas de conhecimento, presentes em todas as suas obras. Essas experiências começaram aos 19 anos, quando ingressou a bordo do navio mercante *St. Lawrence*. Após trabalhar nesse navio, o autor passou a velejar apenas em navios baleeiros⁶, vivendo aventuras que lhe renderam diversas produções artísticas. Dentro dessas obras, de acordo com Ruland & Bradbury (1991, p. 158), “Melville traveled to transcendentalist Utopias in the South Seas and explored his self-quest”.⁷ Um exemplo delas é a obra *Typee* (1846), que relata a história de ele quando foi capturado e mantido em cativeiro nas Ilhas Maldivas, em 1842. Numa de suas viagens, em 1841, Melville conheceu o filho de Owen Chase, que lhe contou a história do naufrágio desse navio, que foi causado por uma baleia, em 1821. O início dessa tragédia, ou seja, o momento do ataque da baleia ao navio foi inspiração para o autor desenvolver o enredo de *Moby Dick ou A Baleia*. Partindo, então, de tal acontecimento, Herman Melville embarcou num mundo de ficção e incorporou ao enredo, além do naufrágio, símbolos míticos que tornaram esse livro a sua obra-prima.

As obras de Herman Melville fazem parte do Romantismo e também do Transcendentalismo, porque além de envolver a natureza acabam por contrastar a vida social e a vida “natural”. Algumas publicações têm sua atmosfera construída por elementos míticos que partem de um momento que marcou a vida do autor ou de alguém ao seu redor, sendo a maioria deles eventos relacionados com o mar. Melville

⁶ O objetivo deles era a caça de baleias da espécie cachalote, pois de sua cabeça retiravam um precioso óleo chamado *espermacete*, usado para diversos fins, sendo o principal deles a iluminação.

⁷ “Melville viajou para Utopias transcendentais nos Mares do Sul e explorou sua auto-busca.” (Tradução da autora do trabalho)

definiu a si mesmo como “an economic orphan, a displaced person thrown into a harsh world of alienating social forces”⁸ (RULAND and BRADBURY, 1991, p. 157-158), o que justifica o fato de suas obras conterem um foco predominante na natureza; pois foi ele praticamente “expulso” das relações sociais e fechou-se num mundo onde elas eram o que menos importava, onde o destaque era realmente a natureza, pois os homens que escolhiam a atividade baleeira abriam mão de muitas coisas, como o conforto. Além disso, afirmava que ele havia evoluído de fato quando iniciou sua relação com o mar. Conforme o autor contou para seu amigo Nathaniel Hawthorne, em uma carta: “Until I was twenty-five, I had no development at all”⁹ (RULAND and BRADBURY, 1991, p. 158). E é por isso que ele faz parte do transcendentalismo, pois deixou de dar importância aos valores sociais e aceitou uma vida simples, aceitou a natureza, todo o seu mistério e principalmente, conheceu a si próprio através dela.

Além disso, Melville sofreu grande influência de Nathaniel Hawthorne, não somente pessoal, mas também literária. Melville caracterizou Hawthorne como “a writer of obscurity misunderstood as a ‘man Who means no meanings’ [...] he is actually ‘deep as Dante’ with a ‘great, deep intellect, which drops down into the universe like a plummet”¹⁰ (RULAND AND BRADBURY, 1991, p. 157). Através dessa definição, acredita-se que Melville tinha a intenção de descrever a si próprio. No entanto, diferentemente de seu amigo, Hawthorne não partilhava do sentimento de tragédia que permeava Melville. Sobre as suas obras e os ideais que estão intrínsecos nelas, vale destacar o que o próprio autor escreveu na obra *Pierre* (1852), destacado por Ruland e Bradbury (1991, p. 144):

Melville [...] declared his ideal of novels that ‘never unravel their own intricacies, and have no proper endings, but imperfect, unanticipated, and disappointing sequels (as mutilated stumps) hurry to abrupt interminglings with the eternal tides of time and fate.’¹¹

⁸ “um órfão da economia, uma pessoa deslocada, jogada dentro de um áspero mundo de forças sociais alienadas” (Tradução da autora do trabalho)

⁹ “Até meus 25 anos, eu não tinha completo desenvolvimento.” (Tradução da autora do trabalho)

¹⁰ “um escritor obscuro mal interpretado como um ‘homem que significa nenhum significado’ [...] na verdade, ele é ‘tão profundo quanto Dante’ com um grande, profundo intelecto, que cai no universo como um prumo”. (Tradução da autora do trabalho)

¹¹ “Melville declarou que seu ideal de romance nunca revela seus meandros e não tem um final conveniente, mas imperfeito, com seqüelas decepcionantes (como mutilações), que apressam o entrelaçamento do tempo e do destino.” (Tradução da autora do trabalho)

E, dentro desse ideal, por meio da narração de diversas viagens, Melville foi capaz de explorar o significado da vida através de questões metafísicas que aprofundam e fazem o leitor refletir sobre a natureza e todo o seu poder.

Além disso, os protagonistas de Melville, assim como o próprio autor, passam por um ritual de passagem, no qual enfrentam situações difíceis até que, no fim, encontram o seu “eu” verdadeiro, presente na força da natureza. Eles são capazes de transcender e aceitá-la. A personagem mais famosa que passou por tal rito é Ismael, em *Moby Dick*, e no decorrer desse estudo será possível entender de que forma ele foi acolhido pela natureza.

2.3 *MOBY DICK*

Moby Dick (1851), apesar de não ter sido bem recebida na época de seu lançamento, é considerada a melhor obra do autor e narra a viagem de um navio baleeiro, o *Pequod*, que sai de Nantucket¹², o maior centro da caça baleeira, onde a maioria dos navios americanos aportava no século XIX. Ismael é quem narra a história, começando desde o dia em que decidiu que gostaria de viajar juntamente com caçadores de baleias. Antes de escolher um barco, conhece o arpoador Queequeg, um canibal da ilha de Kokovoko. Os dois ficam muito amigos e resolvem ir para o mesmo navio, que deveria ser escolhido por Ismael, segundo a divindade adorada por Queequeg. Ismael decide, então, que a melhor opção dentre os navios que estavam ancorados em Nantucket e preparando a próxima viagem, seria o *Pequod*. A embarcação inicia sua viagem no dia 25 de Dezembro, dia de Natal.

O Capitão desse navio chama-se *Ahab*; é uma estranha figura cuja perna fora arrancada por uma baleia cachalote, conhecida como Moby Dick, uma criatura considerada maligna e imortal. Muitos haviam tentado caçá-la, porém essa parecia uma tarefa impossível. O dano que a baleia causou em Ahab marcou-o e condenou-o para sempre, pois o baleeiro criou um ódio tão forte e uma vontade de vingança incontrolável, que esse virou o objetivo de sua vida. Então, na sua última viagem, ele

¹² Nantucket costumava ser o principal centro de caça baleeira da América no século XIX. Grande número de navios aportava na cidade. É uma baía que está situada no estado de Manhattan.

leva a si próprio e a seus tripulantes à morte, pois convence a todos de seu objetivo. Ele até oferece uma moeda de ouro como recompensa para quem primeiro avistasse a baleia. Apesar de temerosos e conscientes do perigo dessa missão, ninguém quis ir contra a ordem do capitão. Durante a viagem, eles encontram diversos outros navios e para cada um deles, Ahab perguntou se tinha notícias do paradeiro da terrível baleia branca. A maioria deles ou não quis responder a essa pergunta, ou foi impedida por alguma força do destino, que a afastava do *Pequod*. Quando a tripulação encontra o cetáceo o navio é destruído, Moby Dick dá uma investida verticalmente no casco do navio, causando um naufrágio. Quase todas as pessoas morrem, restando vivo apenas Ismael, que é quem nos narra essa história. Ahab, curiosamente, acaba ficando preso pelo seu arpão¹³ ao corpo da baleia e vai junto com ela para o fundo do mar.

Na época de seu lançamento, *Moby Dick* não obteve o sucesso esperado. O público, ansioso por outra aventura, deparou-se com uma obra repleta de reflexões, o que fez com que seus leitores perdessem o interesse. A obra-prima de Melville só obteve o merecido reconhecimento muitos anos depois, na segunda década do século XIX. Isso porque a obra estende-se além da ação dos acontecimentos. A princípio parece apenas um romance cheio de aventura, porém é perceptível uma profunda contemplação sobre a vida e sobre a condição humana. O autor discorre sobre uma diversidade de temas e ela acaba por tornar-se uma obra *metafísica*¹⁴. Metafísica porque busca a essência das coisas: o objetivo do capitão, por exemplo, está muito além de ser algo físico, um mero desejo de caçar a baleia, como se fosse mais um animal dentre tantos que já caçara em sua vida. O que o capitão quer é vingar-se da baleia que um dia causou-lhe um mal irreversível. Ele quer sentir que venceu:

Ahab's bitter revenge on a natural adversary that has not nourished but wounded him provides mythic struggle, which is as much a battle of intellect and faith as of action. (RULAND & BRADBURY, 1991, p. 161)¹⁵

¹³ Arpão, de acordo com o Dicionário Koogan Larousse (1979, p. 71): Instrumento de pesca, espécie de dardo, munido de cabo com ponta farpada e afiada, que serve para fisgar e prender peixes grandes, sendo muito usado na pesca da baleia.

¹⁴ De acordo com o Dicionário Koogan Larousse (1979, p. 552), a metafísica é o “conhecimento das causas primárias e dos princípios elementares.”

¹⁵ “A amarga vingança de Ahab, sobre um adversário natural, que não o nutriu, mas o feriu, fornece uma luta mítica, que é tanto uma batalha de intelecto e de fé quanto de ação.”

Em seu aspecto transcendental, é possível identificar na obra uma busca do Capitão Ahab pelo autoconhecimento. A individualidade presente nele destaca-se durante toda a obra. Para explicar tal fato, cabe o seguinte trecho, escrito por Gomes (2006, p. 64):

A ênfase na individualidade pode aproximar o homem de Deus e da natureza, mas nem sempre essa aproximação é benéfica. O autoconhecimento pode levar à descoberta de traços assustadores da personalidade que desafiam a própria compreensão. E é esse um dos fatores que fazem da jornada de Ahab em busca da vingança uma viagem à procura de seu próprio *self*- e aí se encontra a dimensão trágica de *Moby Dick*.

Conforme citado anteriormente, o Capitão Ahab é uma figura bastante estranha. Ninguém havia encontrado com ele até alguns dias depois do início da viagem. Após algum tempo, porém, ele aparece, e quem não o conhecia ainda, assustou-se com a sua presença. Ismael tentou explicar a sensação que tomou conta dele:

Assim que dirigi o olhar para a amurada senti um calafrio provocado por um mau pressentimento. A realidade ia além da apreensão. O capitão Ahab estava em seu posto no convés. [...] O aspecto amargo de Ahab e a lívida cicatriz que o marcava afetaram-me de modo tão poderoso [...] (MELVILLE, 2012, p. 77-78).

O narrador percebeu em Ahab “um infinito de coragem firme e determinada, uma teimosia invencível na tenacidade daquele olhar parado e destemido” (MELVILLE, 2012, p. 78). Ele é comparado, ainda, a um rei:

Dizia a tradição que nos velhos tempos nórdicos, os tronos dos reis dinamarqueses que amavam o mar eram fabricados com as pernas do narval. Como não olhar para Ahab sentado nesse tripé de osso sem pensar nele como a realeza que simbolizava? Pois Ahab era um Khan do convés, um rei do mar e um mestre dos leviatãs. (MELVILLE, 2012, p. 80).

Então, após um tempo de viagem, o capitão reúne sua tripulação para falar-lhes sobre um monstro dos oceanos, um verdadeiro “demônio” que lhe arrancara a perna e que merecia ser morto. Ele explica quem é Moby Dick e avisa que a finalidade do navio a partir daquele momento é encontrar e matar aquela baleia, nas palavras dele: “E foi para isto que vós embarcastes, homens! Para perseguir essa baleia branca dos dois lados da terra, até ela esguichar sangue negro e rolar com a barbatana de fora. [...]”

Creio que sois destemidos!” (MELVILLE, 2012, p. 99). A caça de outras baleias poderia acontecer, mas não com a intensidade que geralmente ocorria. A missão dos marujos mudara: agora estavam atravessando os mares para encontrar um único animal, ou seja, Capitão Ahab fez com que todos aceitassem o seu intento, deixando o seu egocentrismo acima não só dos tripulantes, mas também dos próprios donos do navio, que mesmo não embarcando junto, detinham todo o poder sobre o navio.

A partir desse momento, o *self*, característica do Romantismo norte-americano, como exposto acima, é bastante destacado na obra. O individualismo do capitão é tão dominante, que ele mesmo diz para seus companheiros: “eu atacaria o sol se me insultasse” (MELVILLE, 2012, p. 99). Talvez o que mais expresse isso seja o fato de que o *Pequod* foge do objetivo de sua viagem, que se resume em caçar baleias¹⁶.

O sentido de *self* é tão intenso em Ahab que ele persuade uma tripulação inteira a não só aceitar o objetivo, mas assumi-lo como seu. Apesar de saberem do enorme risco que assumiram, ninguém da tripulação consegue contestar o que foi definido. Ismael, por exemplo, questiona-se “Como é possível terem reagido de modo tão generoso à ira do velho? Que tipo de magia perversa possuíam suas almas para assumirem aquele ódio como se lhes pertencesse?” (MELVILLE, 2012, p. 111). Temos ainda o exemplo de Stubb, o segundo imediato, que tentou, no início na viagem, opor-se a Ahab, pedindo que ele fizesse menos barulho ao andar à noite pelo convés. O capitão não gostou dessa atitude e insultou o homem. Ele, revoltado com isso, refletiu: “Ele me chamou dez vezes de burro e ainda por cima acrescentou uma montanha de asnos! [...] Que diabos acontece comigo? Não consigo me manter direito sobre as pernas. A briga com o velho me virou do avesso.” (MELVILLE, 2012, p. 79). A sua influência é tão forte que, mesmo tendo consciência da dominação que sofriam, nenhum homem foi capaz de contestá-lo ou enfrentá-lo realmente.

Outra característica do Romantismo que é fortemente marcada na obra é a exaltação da natureza. Além de ser o cenário em que transcorre toda obra, interfere na vida dos homens do *Pequod* e de todos os outros que atuam como baleeiros. Ao

¹⁶ Para ilustrar esse fato, cabe uma pequena explicação sobre a caça baleeira: após meses de preparação, os navios partiam em viagem, que duravam em torno de três anos. O resultado esperado era o retorno dos navios com barris cheios de *espermacete*, cujo valor altíssimo era dividido entre os donos dos navios, os capitães, os imediatos, os arpoadores e os outros tripulantes, o valor era definido pela função de cada um.

contrário do que pode parecer, a natureza não atua como sendo o mal do enredo, pelo contrário, de acordo com Ruland & Bradbury (1991, p. 160), “that benign face of nature is not denied in *Moby Dick*; indeed it suffuses the book”.¹⁷ A natureza, por sua bondade, é gentil com quem sente a sua força, como é o caso de Ismael, que a aceita mais que seus colegas. Isso se mostra pela amizade que cria com Queequeg, sua paixão pelo mar e os animais que nele habitam:

Ismael takes a contemplative and comradely view of the world’s fecundity, as we see in his friendship with the ‘savage’ Queequeg, in the kneading of the sperm and above all in the undersea domesticity of the family of suckling whales. (RULAND & BRADBURY, 1991, p. 160)¹⁸

Esse respeito pelas forças da natureza, ainda, foi o que garantiu sua sobrevivência ao naufrágio: “that vision undoubtedly helps secure his salvation as the one survivor from the wreck of the *Pequod* [...]” (RULAND & BRADBURY, 1991, p. 160).¹⁹

Como foi possível perceber, o autor romântico norte-americano produziu sua obra-prima envolvendo não somente a sua experiência enquanto baleeiro, mas também o seu conhecimento científico sobre o assunto, além de acontecimentos que marcaram a história. E, conforme dito anteriormente, o fato verídico que norteou a sua criação foi o naufrágio do baleeiro *Essex*, em 1821, causado pelo ataque de uma baleia cachalote. Devido à importância desse fato, o próximo subtópico abordará de que forma deu-se a criação de *Moby Dick* a partir desse fato.

2.4 DO PEQUOD AO ESSEX

Em 1820, o navio baleeiro chamado *Essex* partiu de Nantucket com o objetivo de caçar baleias. A ideia principal era permanecer em alto-mar por três anos reunindo

¹⁷ “A face afável da natureza não é negada em *Moby Dick*, de fato ela permeia todo o livro.” (Tradução da autora do trabalho)

¹⁸ “Ismael tem uma visão contemplativa e de camaradagem sobre a fecundidade do mundo, como vemos em sua amizade com o “selvagem” Queequeg, no trabalho com o espermacete e, sobretudo na domesticidade submarina das famílias de baleias mamíferas.” (Tradução da autora do trabalho)

¹⁹ “sem dúvidas aquela visão ajudou a assegurar sua salvação como único sobrevivente do naufrágio do *Pequod*” (Tradução da autora do trabalho)

bastante *espermacete*, porém um ano depois, em 1821, o inesperado aconteceu: uma baleia cachalote atacou o navio. Todos ficaram paralisados, sem entender o que havia acontecido, pois um cetáceo como aquele jamais atacara um navio daquela forma. Após duas investidas da baleia, o navio começou a naufragar. Seus tripulantes pegaram todo o alimento que fora possível antes de a estrutura afundar por completo. Divididos em três botes de 7,5 metros de comprimento, os 20 homens que compunham a tripulação do *Essex* sofreram de inanição e viram a morte se aproximar cada dia mais; porém mesmo assim tentaram manter a esperança de um dia voltar para sua querida Nantucket. De 20 homens, apenas cinco conseguiram sobreviver aos três meses em alto-mar. Essa história foi descrita em diversas obras, a primeira delas, vale ressaltar, foi relatada por um dos sobreviventes, Owen Chase. Sua publicação chama-se "*Narrative of the whaleship Essex*" e foi publicado no mesmo ano do resgate, em 1821. Outra versão intitula-se *No coração do Mar* (2000) foi escrita pelo historiador americano Nathaniel Philbrick, que reuniu os relatos dos sobreviventes e conta em detalhes não apenas sobre o ataque, mas também como foi a luta dos tripulantes pela sobrevivência, além de listar preciosas informações sobre como funcionava a caça baleeira.

Essa versão de Philbrick foi a que optamos para discutir de que forma os elementos da história do navio *Essex* contribuíram para formar o universo narrativo em *Moby Dick*, apoiado pelos estudos de Antonio Candido (1985) sobre a relação entre o romance e a Sociologia.

Para uma interpretação completa de uma obra, segundo Candido (2000), é necessário combinar "texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra" (p. 6), ou seja, é preciso somar à estrutura do texto, considerada um elemento independente, o fator externo à obra, que nesse caso é representado pelo social. Dessa forma, então, o elemento externo que influencia a estrutura da obra pode tornar-se um elemento interno. Neste caso, de acordo com o autor, o fator social pode atuar de duas formas: a primeira delas é o papel de um veículo que tem por objetivo fornecer ao enredo os recursos necessários para o seu desenvolvimento; a segunda forma é quando o fator social age como constituinte da obra, ou seja, ele é parte integrante da

essência da obra, é um “agente da estrutura”, que interage e influencia em seu progresso.

No caso da obra em destaque neste trabalho, *Moby Dick*, o elemento externo encaixa-se na segunda forma, ou seja, o social está ajudando a formar a estrutura do texto. Além disso, sua análise deve considerar o fator externo no nível explicativo, pois, além do elemento social ser parte integrante da sua essência, ele foi o ponto de partida que influenciou Melville a transcrever para o papel a sua obra.

Melville escreveu muitas obras relatando experiências em alto-mar. Por isso, é impossível separar o contexto social de *Moby Dick* da história, pois foi dela que surgiu a obra. De acordo com o novo historicismo (em inglês, *new historicism*), a história também é um elemento ativo no texto, pois não está apenas oferecendo o cenário para um enredo ou sendo refletido pela literatura, pelo contrário. Segundo Parker, “os mesmo princípios que nós trazemos para a interpretação da literatura devem também direcionar o modo como nós lemos história” (2008, p. 219). A história é “tão incerta e complexa quanto a literatura” (PARKER, 2008, p. 219), e no nosso caso, o elemento histórico é parte indissociável de *Moby Dick*, pois ele foi o princípio de sua criação. Nessa obra, “literatura e história dão forma uma a outra” (PARKER, 2008, p. 223), talvez se Melville não tivesse conhecido a história do navio *Essex* ou até mesmo se o ataque não tivesse ocorrido, sua obra-prima não teria sido desenvolvida. Philbrick (2000) destaca esse fato:

Muito embora hoje em dia seja pouco lembrado, o naufrágio do baleeiro *Essex*, provocado por um cachalote enfurecido, foi um dos desastres marítimos mais famosos do século XIX. Quase todas as crianças nos Estados Unidos liam a respeito na escola. Foi o acontecimento que inspirou a cena culminante do romance *Moby Dick*, de Herman Melville. (p. 14)

A partir desse ponto, é possível perceber claramente que sem o fato verídico, *Moby Dick* poderia não ter o mesmo enredo e, por consequência, poderia não ter o mesmo sucesso. Ou seja, o ataque da baleia ao *Essex* “é visto funcionando para formar a estrutura do livro” (CANDIDO, 2000, p. 6), e a essa estrutura, Melville vinculou uma profunda reflexão sobre a relação do homem com a natureza. Por isso, este trabalho encaixa-se no sexto tipo de estudo sociológico classificado por Candido (2000), que é “uma investigação hipotética das origens” (p. 11), e é por isso que é

inviável também tentar considerar *Moby Dick* apenas como um relato histórico do acontecimento, pois o que se repete ali é apenas o ataque de um cachalote a um navio, ação que nunca havia sido registrada antes.

A importância desse detalhe reside no fato de que, nunca antes havia sido relatado um ataque de uma baleia a um navio. Eram os baleeiros que atacavam os cetáceos, que apenas tentavam escapar, por instinto. Mas o que motivou tal baleia a investir verticalmente contra o convés de um navio? Não fora apenas uma investida, como modo de defesa, foram duas, que causaram a desgraça dos homens que ali estavam. E foi isso que instigou Melville, assim como o próprio historiador Nathaniel Philbrick, que se especializou no assunto.

Philbrick (2000) vai além e acredita que não foi apenas o ataque que inspirou *Moby Dick*, ele afirma que a reflexão sobre a vida feita na obra de ficção tem base na relação dos homens do *Essex* entre eles mesmos e com a natureza:

Vim a entender que a desgraça do *Essex* proporcionara a Melville muito mais do que um final para um dos maiores romances americanos já escritos. Salientava as mesmas questões de classe, raça, liderança e relacionamento do homem com a natureza com que Melville se ocupou ao longo de todas as páginas de *Moby Dick*. (p. 16-17)

Isso porque, dentro do *Essex* havia uma clara distinção de ordem social e étnica. Normalmente, a escolha por trabalhadores nos baleeiros de Nantucket variava de acordo com o tempo em que os capitães haviam assumido tal posto. No caso do *Essex*, era a primeira viagem do Capitão George Pollard Jr., então ele teve de aceitar pessoas de diversos lugares do mundo, mesmo que não tivessem experiência alguma no mar. A essas pessoas chamavam de “mãos-verdes”. Havia muito preconceito contra esses homens, porém o preconceito era muito maior quando se tratava de afro-descendentes, conforme explicita Philbrick (2000), recontando um relato de um estrangeiro na ilha:

Uma vez que os índios desapareceram, os negros tomaram o seu lugar. Os marinheiros de cor são mais submissos do que os brancos; [...] Os negros, embora devam ser louvados por seu hábito de obediência, não são tão inteligentes quanto os índios; e nenhum deles atinge o posto de arpoador ou imediato. (p. 52)

Dentro dos navios, essa distinção era visível, principalmente, nos momentos das refeições. Os chamados oficiais — capitão, imediatos e arpoadores — eram muito bem alimentados, já o resto da tripulação sofria com poucas porções de comida e da pior qualidade. No caso do *Essex*, para piorar, a quantidade de alimento já era escassa desde o início da viagem, pois os donos do navio não quiseram comprar suprimento suficiente, o que tornava o problema mais grave ainda.

É importante ressaltar tal aspecto porque ele fez total diferença no destino dos homens após o naufrágio. Enquanto estavam à deriva nos três botes, a divisão da pouca quantidade de comida foi feita igualmente para todos, porém, antes do naufrágio, os homens “não oficiais” já tinham uma dieta escassa, o que fez com que a sua degradação fosse muito mais rápida. Tanto é que os dois primeiros homens que morreram, chamados Lawson Thomas e Charles Shorter, eram negros.

É possível notar, então, que Melville, tomando como base as ações dos homens do *Essex* durante a tragédia que aconteceu em 1821, procura explorar profundamente a relação do ser humano com seus iguais e com a natureza. Para isso, através do viés transcendentalista, ele desenvolve personagens esféricas, ou seja, personagens “organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (CANDIDO, 1968, p. 47). Elas não são planas, ou “caricaturais”, pelo contrário, “temos o começo de uma curva em direção à esfera” (CANDIDO, 1968, p. 47). Além disso, para dar mais força ao seu enredo, Melville incorpora diversos elementos simbólicos que ajudam o leitor a entender melhor tais relações e a sua importância.

Esses elementos são fundamentais para uma possível compreensão de *Moby Dick* que ultrapassa a simples história de caça a uma baleia, pois vários capítulos são dedicados a reflexões envolvendo tais símbolos, como a cor branca da baleia, por exemplo, ou o próprio animal, e a interpretação e até mesmo a curiosidade pela obra pode ficar prejudicada se não houver essa percepção. Por isso, o próximo capítulo tem como foco uma profunda análise dos símbolos que permeiam a obra.

3 ANÁLISE MITOLÓGICA E DE SÍMBOLOS

Conforme dito anteriormente, *Moby Dick* é uma obra repleta de significados simbólicos e mitológicos e, para alcançar a sua completa compreensão, é necessário levar em consideração os elementos que Melville integrou ao enredo.

3.1 MITOLOGIA

Antes de discorrer sobre os símbolos, é vital discutir sobre a Mitologia, que permeia toda a análise.

Joseph Campbell afirma, na entrevista feita por Bill Moyers, que foi mais tarde editada e gerou a obra *O Poder do Mito* (1990), que o mito nada mais é do que “experiência de sentido” (1990, p. 6), mitos são “histórias de nossa busca de verdade, de sentido, de significação através dos tempos” (1990, p. 5). Essa significação começa a ser alcançada quando começamos a compreender os símbolos presentes em nosso mundo, pois os mitos encontram “expressão numa forma simbólica” (1990, p. 33). Eles aparecem para nós como “metáforas da potencialidade espiritual do ser humano” (CAMPBELL, 1990, p. 24). Os mitos têm, de acordo com o autor, quatro funções, sendo a primeira delas, *mística*, que “abrirá o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz todas as formas” (CAMPBELL, 1990, p. 32); a segunda é *cosmológica*, e é o mito pertencente à ciência, que procura explicar o mistério presente no universo; a terceira é *sociológica*, que depende de cada ordem social; a última função é a *pedagógica*, que ensina ao ser humano como “viver uma vida sob qualquer circunstância” (CAMPBELL, 1990, p. 32). Cada função terá relação com algum aspecto da vida de cada um de nós. As funções mística e pedagógica são as que permeiam *Moby Dick*, pois a obra traz uma reflexão sobre os mistérios da vida e também como aceitar tais mistérios, aprendendo a conviver com eles.

De acordo com o autor, ainda, devemos estar atentos aos mitos porque eles são “pistas” que nos ajudam a entender o que é estar vivo. Nas palavras do autor:

(...) Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham

ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos. (p. 5).

A Mitologia, assim como o Transcendentalismo descrito no capítulo anterior, tem como objetivo uma busca do individual, da capacidade de voltar-se para dentro si a fim de alcançar o significado dos eventos que ocorrem ao seu redor. Além disso, em ambos os campos de conhecimento, é a natureza que vai reger essa busca.

Sendo a perseguição à *Moby Dick* pelo Capitão Ahab o foco de análise desse trabalho, é válido ressaltar nesse momento o que o *sonho* significa dentro da Mitologia, assim como explicar o que é o *mito da caçada*, pois o enredo gira em torno do sonho (e desejo) do Capitão Ahab de caçar a baleia.

De acordo com Campbell (1990), apesar de o mito ter uma íntima relação com cada ser humano, assim como o sonho, há uma diferença entre os dois:

é que o sonho é uma experiência pessoal daquele profundo, escuro fundamento que dá suporte às nossas vidas conscientes, e o mito é o sonho da sociedade. O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado. (p. 42)

Sonho e mito devem estar em sintonia, ou seja, o sonho do indivíduo deve coincidir com o mito da sociedade. Caso os dois estejam em desacordo e o ser humano insistir em tentar conciliá-los, esse se tornará um sujeito desequilibrado. O Capitão Ahab é um exemplo disso tal fato, pois seu desejo de matar a baleia, fato que, por ter tanta significação em sua vida, tornou-se seu maior sonho/desejo, vai de encontro aos objetivos da tripulação, neste caso do “mito público”, o que transformou o capitão em um verdadeiro excêntrico.

O seu sonho é caçar *Moby Dick*, vencer a baleia que um dia o derrotou, que arrancara parte de sua perna, deixando-o aleijado para sempre. Porém, assim como acontece com seu sonho, que vai de encontro ao da sociedade, formada nesse caso, pela tripulação do *Pequod*, o Capitão Ahab não segue o mito básico da caçada.

Campbell (1990), sobre o mito básico da caçada, sustenta a ideia de que existe um “acordo entre o mundo animal e o mundo humano” (1990, p. 76). Nesse acordo, o animal é uma entidade que está no mesmo nível espiritual que o ser humano e

concede sua vida de forma voluntária ao seu caçador. Ainda segundo o autor norte-americano:

Assim é a vida. O homem é um caçador, e o caçador é uma besta predatória. Nos mitos, a besta predatória e o animal que é predado desempenham dois papéis significativos. Representam dois aspectos da vida — o agressivo, mortífero, conquistador, criativo; e, do outro lado, a matéria ou a matéria subjugada, você poderia dizer (CAMPBELL, 1990, p. 76).

A caçada é um ritual²⁰, e como tal, deveria acontecer através de uma identificação entre caça e caçador. “Matar não é simplesmente abater, é um ato ritual, como é comer (...). Um ato ritual é o reconhecimento da sua dependência à voluntária doação desse alimento, a você pelo animal, que cedeu a própria vida. A caçada é um ritual.” (p. 77). Em *Moby Dick*, o desejo de Ahab em caçar Moby Dick, apenas esta baleia em especial, representa um ato pessoal do capitão, um desejo de vingança, o que foge do mito básico da caçada, pois há, neste caso, uma luta por superioridade, e não uma relação de igualdade, como deveria acontecer.

3.2 SÍMBOLOS

Essa seção conta com uma discussão acerca dos principais símbolos que permeiam *Moby Dick*. Tais símbolos têm uma relação muito forte com o desenrolar da narrativa, assim como com a personalidade das personagens.

3.2.1 Mar

O primeiro símbolo que deve ser analisado é o *mar*. É nele que ocorre praticamente toda a ação da obra, além disso, é ele que rege a vida de todos os cidadãos de Nantucket, que tiram dele o seu sustento. Ismael, já no início da sua narração fala sobre o mar:

²⁰ De acordo com Campbell (1990, p. 14), o ritual é uma “experiência associada à jornada interior, quando você abandona o mundo exterior e adentra o reino dos seres espirituais”.

Há alguns anos — não importa quantos, precisamente — (...) decidi navegar um bocado para ver a parte aquática do mundo. Esse é um costume que tenho para afastar a melancolia e ajustar a circulação. (...) O mar é o meu substituto para a pistola e a bala. Com alarde filosófico, Catão se arremessou sobre a sua espada; quanto a mim, embarco tranquilamente. Não há nisso nada de surpreendente. Se a maioria dos homens o soubesse, fosse qual fosse a sua categoria social, compartilharia comigo, numa época ou noutra, os sentimentos que o oceano me inspira. (MELVILLE, 2012, p. 15)

Ou seja, o narrador sente que o mar curará todas as suas angústias. De acordo com o Chevalier e Gheerbrant (1989), o mar representa a “dinâmica da vida”,

Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de decisão, e que se pode concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (p. 592)

Esse significado é muito pertinente ao pensar nos homens que compunham a tripulação do *Pequod*, pois ao mesmo tempo em que Ismael, citado no parágrafo anterior, precisa entrar em contato com as águas para renovar seu espírito, os outros homens buscam essa “realidade configurada”, eles precisam daquele contato com o mar para tirar seu sustento e de suas famílias. Ao mesmo tempo, há a dúvida se um dia voltarão ou não, pois é o mar que decide pela morte ou pela vida. Cirlot (1982, p. 372) define o mar como:

agente transitivo e mediador entre o informal e o formal e, analogicamente, entre a vida e a morte. O mar, os oceanos são considerados assim como a fonte da vida e o final da mesma. “Voltar ao mar” é como “retornar à mãe”, morrer.

Então, assim como dito acima, os homens tiravam do mar a fonte de sua sobrevivência e, ao mesmo tempo, nunca tinham certeza se o direito de voltar à terra seria concedido pela natureza. No caso de Ahab, ao ficar preso na baleia pelo seu arpão e ir junto com ela para o fundo do mar, há um fechamento do ciclo da vida, ele “retorna à mãe”.

É possível perceber essa dualidade *vida x morte* representada pelo mar pela forma com que Ismael sobrevive, que é preso ao caixão que um dia Queequeg pedira

para o carpinteiro construir²¹. O caixão, antes simbolizando a morte, ao ser jogado no mar e salvar a vida de Ismael, passa a ser o símbolo da vida.

3.2.2 Baleia

Ser integrante da vida marinha, a *baleia* é o próximo símbolo que merece destaque. Em *Moby Dick*, o enredo gira em torno do terrível cetáceo que assombra a consciência de Ahab, inclusive o próprio título da obra faz referência a esse animal. No entanto, a sua força enquanto símbolo é muito maior, sua importância transcende seu aspecto físico e o remete a um significado mais profundo e abrangente, que é o mitológico e simbólico. Tanto é que o início da obra Melville inseriu uma parte intitulada *Etimologia* e traz o histórico da palavra *baleia* em diversas línguas. A parte seguinte, *Extratos*, traz diversas citações de diversos autores, de textos do mundo todo sobre as baleias. O primeiro trecho é retirado do livro Gênesis, 1:21, da *Bíblia*: “E Deus criou as grandes baleias”. Esse início já nos indica a intertextualidade que o livro faz com a *Bíblia*, que será discutida no decorrer desse trabalho. Além da *Bíblia*, a diversidade de referências das citações indica o vasto conhecimento do autor e as pesquisas que já haviam sido feitas por ele sobre o assunto. Essas duas primeiras partes, *Etimologia* e *Extratos*, indicam, também, que *Moby Dick* não se trata de apenas mais um livro contendo uma história de aventura.

A interpretação da baleia enquanto símbolo aproxima-se da interpretação do mar. O cetáceo também traz o significado do desconhecido, às vezes da desgraça. Na definição de Chevalier e Gheerbrant (1989):

(...) símbolo do *continente* em conforme seu conteúdo, símbolo do *tesouro escondido* ou às vezes também da *desgraça ameaçadora*, a baleia contém sempre em si a polivalência do desconhecido e do interior invisível; é o centro de todos os opostos que podem vir a existir. (p. 116)

Como foi possível observar, a baleia tem uma representação na obra que vai muito além de simples personagem. A caça à baleia feita por Ahab está muito além do

²¹ Queequeg, em certa altura da viagem, fica muito febril e sente a morte chegar, por isso, pede ao carpinteiro para construir um caixão. Caso ele morresse, o seu desejo era ser colocado nesse caixão e jogado ao mar.

simples ato de matar o animal. Ela está ligada a um desejo de vingança que envolve sofrimento físico e espiritual, é um “rito de conclusão e transcendência”, assume um caráter quase religioso. Aliás, para Ahab, essa missão está totalmente acima de qualquer coisa, inclusive da religião, que era muito respeitada pelos cidadãos de Nantucket.

3.2.3 Branco

A baleia Moby Dick é descrita como sendo um animal branco. Sua brancura é tão detalhada e aprofundada pelo narrador, inclusive dedicando um capítulo inteiro para descrevê-la, que essa representa um importante exemplo de símbolo no enredo. Segundo o relato de Ismael, não era o tamanho do animal que o assustava mais, era a sua cor: “há algo de ardiloso espreitando no âmago da ideia dessa cor, que provoca mais pânico na alma que o pavor que nos causa o vermelho do sangue.” (MELVILLE, 2012, p. 112). Há uma reflexão sobre outros seres vivos que são brancos, o urso polar, o tubarão branco, o albatroz, o Cavalo Branco das Pradarias e o homem albino.

Sobre os ursos e os tubarões, Ismael fala: “O que confere tal abominável suavidade ao seu aspecto silenciosamente cruel senão sua macia e estranha brancura, mais repulsiva que terrível?” (MELVILLE, 2012, p. 112) Ou seja, ele acredita que são mais assustadores devido à sua cor. Sobre o pássaro, ele se lembra da primeira vez que o viu, que a sua cor deixou-o em choque:

Apesar de fisicamente ileso, soltava gritos como o fantasma de algum rei em sobrenatural agonia. Pelos seus olhos estranhos e inexpressivos, pensei entrever segredos que conduziam a Deus. (...) A criatura era tão branca, suas asas tão amplas que naquelas águas para sempre exiladas eu perdera as miseráveis e distorcidas memórias das tradições e das cidades. (MELVILLE, 2012, p. 112)

Da mesma forma, o Cavalo Branco das Pradarias era adorado por tribos indígenas ocidentais, e essa adoração era devido a sua tonalidade, “fria como o leite”, que deixava os mais valentes homens temerosos:

Fosse qual fosse o aspecto que apresentava, para os mais bravos índios ele era objeto de trêmula reverência e temor. Pelo que consta dos lendários registros sobre esse nobre cavalo, não se pode questionar que foi, sobretudo, sua brancura espiritual que o revestiu com a divindade, e essa divindade tinha

algo que levava à adoração e ao mesmo tempo provocava um inominável terror. (MELVILLE, 2012, p. 113)

O homem albino, segundo Ismael, é tão incomum que assusta aqueles que o vêm pela primeira vez e a sua cor o faz ser odiado pelos próprios parentes, devido ao seu estranho aspecto.

O narrador questiona, ainda, por que “essa cor é o mais expressivo símbolo das coisas espirituais, o verdadeiro véu da divindade cristã e, ao mesmo tempo, o agente que intensifica as coisas que mais aterrorizam a humanidade” (MELVILLE, 2012, p. 116). De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1989, p. 141), por ser ao mesmo tempo a falta de tonalidade e a soma de todas as tonalidades, essa cor “pode situar-se nas duas extremidades da gama cromática. [...] Assim, coloca-se, às vezes no início e, outras vezes no término da vida”. Para a simbologia, assim como essa é a cor da morte e do luto, ela também representa o retorno. Em *Moby Dick*, a brancura da baleia remete a essa ideia de terror, mas, sobretudo faz referência ao início e ao final da vida, sendo o primeiro representado pela sobrevivência de Ismael²² e o segundo pela morte do Capitão Ahab.

3.2.4 Nome das Personagens

Outro aspecto que nos chama a atenção na obra é a escolha nominal pelo autor. Diversos nomes têm sua origem em nomes de outras histórias, reais ou não, mas que carregam um significado. Os acontecimentos ou as ações que os tornaram conhecidos se repetem, em contextos diferentes, em *Moby Dick*, e esses acontecimentos ajudam, também, a entender a complexidade das personagens de Melville.

O primeiro nome que aparece na obra já carrega um significado. Ismael, o nome do narrador, ou como ele deseja ser chamado²³, tem intertextualidade com o texto bíblico. No livro Gênesis, Ismael é filho de Abraão com a sua escrava, Agar, pois sua esposa, Sarai, não podia ter filhos. Tempo depois, porém, ela consegue engravidar e

²² De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1989, p. 117), todo nascimento é um renascimento. Nesse caso, podemos inferir que Ishmael representa o início da vida, pois ele renasceu após o naufrágio, sendo o único sobrevivente.

²³ Não é possível ter certeza de que é esse seu nome real, ele apenas fala: “Pode me chamar de Ishmael” (MELVILLE, 2012, p. 15)

nasce Isaque, o verdadeiro herdeiro de Abraão. Com o nascimento do irmão, Ismael e Agar são mandados embora. Ismael torna-se, então, um órfão e dá origem a nação árabe, mas antes vaga por anos no deserto. O Ismael de *Moby Dick* também é um órfão. Ele não tem família, não tem para onde ir, por isso, escolhe viver viajando em alto-mar, e prefere realizar essas aventuras não como passageiro, mas como marinheiro, mais especificamente como baleeiro, por sentir fascinação pelo animal.

Depois do nome do narrador, o próximo nome que nos atrai a atenção é o do navio escolhido por Ismael. Quando ele foi até o cais ver quais embarcações estavam preparando-se para viagem, deparou-se com três opções: o *Devil-dam* (barragem do Diabo), o *Tid-bit* (petisco) e o *Pequod*. Após algum tempo examinando, optou pelo *Pequod*, apesar do seu significado, conforme o próprio narrador nos conta: “Pequod era o nome de uma famosa tribo de índios de Massachusetts, agora tão extinta quanto os antigos Medas” (MELVILLE, 2012, p. 49). De acordo com VanSpanckeren (1994, p. 23) “(...) the name suggests that the boat is doomed to destruction.”,²⁴ ou seja, a escolha de Ismael por esse navio já determinou o seu destino e de seu companheiro Queequeg. É válido ressaltar, nessa parte, que o arpoador Queequeg e Ismael hospedam-se na mesma estalagem e tornam-se grandes amigos. Queequeg é um nativo canibal pertencente a uma tribo de uma ilha fictícia distante, chamada Rokovoko, e era costume de seu povo venerar uma divindade chamada *Yojo*. Foi o próprio Queequeg que disse para Ismael realizar a escolha do navio, pois fora a sua divindade, *Yojo*, quem decidira isso. Ela já havia escolhido o navio para eles, assim como já havia definido o destino dos homens.

Ahab, o capitão do *Pequod*, também tem um nome relevante que foi baseado na *Bíblia*. O Antigo Testamento nos conta que Ahab foi um dos reis de Israel. Ele foi o rei que menos seguiu os preceitos de Deus e é considerado um dos mais cruéis. Ahab tornou-se muito malvado devido à dominação psicológica que sofreu por *Jezabel*, sua esposa, filha de um rei da Fenícia, que o obrigou a agir de forma ímpia. Vindo do território Fenício, Jezabel venerava o deus pagão Baal, e devido a essa adoração, sacrificou diversas crianças inocentes. Na narrativa de Melville, o *Capitão Ahab* também se opõe a Deus, mesmo que indiretamente, pois seu desejo de matar a baleia

²⁴ “o nome sugere que o barco já está fadado à destruição”. (Tradução da autora do trabalho)

fez com que ele se sentisse acima de Deus. É possível, inclusive, traçar um paralelo entre a baleia *Moby Dick* e *Jezabel*, já que, assim como a mulher dominou o rei e fez com que assumisse outro objetivo, o cetáceo agiu da mesma forma, mesmo que inconscientemente. A baleia atraiu o Capitão para outro objetivo, para a vingança pessoal. Tanto na história bíblica quanto na obra de Melville, os homens não foram capazes de manter o foco sob os objetivos principais, no primeiro caso seria governar todo um povo, e no segundo caçar baleias cachalotes. Ambos sucumbiram aos seus desejos pessoais.

No momento em que Ismael e Queequeg assinam os documentos do *Pequod*, foram interceptados por um estranho, que lhes perguntou se realmente iam ingressar nesse navio. Essa passagem no livro também está relacionada com o texto bíblico que relata a história do Rei Ahab. Esse desconhecido, ao ver os dois saindo do navio, começou a disparar diversos comentários sobre o capitão, avisando-lhes para não embarcarem nesse navio. Os dois homens, com contratos já assinados, resolveram que não deveriam ficar ouvindo o que parecia ser somente asneiras, mas antes de partir, Ismael perguntou o nome do homem, que se chamava *Elias*. No dia do embarque, o homem foi atrás deles novamente, mas eles não lhe deram atenção, então, antes de partir Elias falou: "Adeus. Acho que não vos encontrarei tão cedo, a menos que isso aconteça diante do Grande Júri" (MELVILLE, 2012, p. 65). Na história bíblica relatada no parágrafo anterior, *Elias* foi um dos profetas de Deus, que lutou contra o rei *Ahab* e a adoração ao deus pagão Baal, que estava dominando a população, que se via dividida entre dois deuses.

Até mesmo o nome de *Moby Dick* não foi totalmente criado. No século XIX havia boatos entre os baleeiros sobre uma baleia cachalote albina que percorria o oceano pacífico, na altura do Chile. E eles a apelidaram de *Mocha Dick*. Ela tinha fama de ser feroz e difícil de ser capturada. Melville, conhecedor desse episódio, incorporou mais esse elemento na composição de sua obra.

3.3 NATUREZA

Conforme dito no início desse trabalho, a natureza, enaltecida pelo Transcendentalismo, formou o cenário de diversas obras românticas norte-americanas,

e em *Moby Dick* temos um exemplo deste fato. Na obra, a natureza não só forma o cenário onde os acontecimentos se passam, mas também interfere no destino das personagens. Por isso, ao analisar o seu papel dentro da obra, precisamos retomar os conceitos do Transcendentalismo. Nessa seção, o embasamento necessário sobre essa corrente dá-se a partir da obra *Walden*, de Henry David Thoreau.

Retomando um pouco do que prega o Transcendentalismo, devemos lembrar que a natureza e o ser humano devem estar numa ligação única, na mesma sintonia, a qual o homem não pode mudar, e sim deve aceitar as suas condições. O ser humano, para alcançar o pleno conhecimento, a verdade das coisas existentes, deve transcender. *Transcender* significa atravessar um caminho de autoconsciência que vai levá-lo ao entendimento do universo. Vale ressaltar aqui, que o individualismo trazido por esses ideais não é egoísmo, e sim uma relação do homem consigo mesmo, uma auto-reflexão.

Thoreau foi o autor que mais levou a sério essa corrente. Ele decidiu morar sozinho por dois anos na região do lago Walden, em Massachusetts, vivendo apenas daquilo que a natureza podia prover. Com essa experiência, conheceu a fundo a natureza e suas razões. Aprendeu a conviver com os animais e outros seres vivos. Concluindo, foi capaz de *transcender* e relacionar-se com a natureza. Para explicar melhor, cabe colocar aqui suas próprias palavras sobre isso:

Em sã consciência podemos com o pensamento estar além de nós mesmos. Por meio de lúcido esforço da mente podemos nos manter à distância das ações e suas consequências; e todas as coisas boas e más, passam por nós como uma torrente. (THOREAU, 1985, p. 131)

Aceitar as coisas boas e ruins como uma torrente é apenas algo que vem como consequência da aceitação da natureza, pois “não pode haver melancolia muito negra para quem vive em plena natureza e mantém os sentidos serenos” (THOREAU, 1985, p. 128). Aprendendo a conviver próximo da natureza, ele é capaz de entender os acontecimentos a sua volta, entender por que ocorrem da forma como ocorrem, e isso o faz sentir-se diferente, especial:

Às vezes, quando me comparo a outros homens, parece-me que fui mais favorecido pelos deuses, afora alguns méritos de que tenho consciência; é como se eu tivesse com os deuses uma garantia ou penhor que meus

companheiros não têm, e fosse especialmente guiado e protegido. (THOUREAU, 1985, p. 128)

Essa relação com a natureza era fortemente marcada nos tempos primitivos, de acordo com Thoreau (1985), que afirma que “a absoluta simplicidade e o despojamento da vida que o homem levava nos tempos primitivos tinham pelo menos a vantagem de deixá-lo ser hóspede da natureza” (p. 50) Entretanto, com a evolução do homem e da tecnologia, essa relação foi se apartando cada vez mais, e “os homens se transformaram nos instrumentos de seus instrumentos” (THOREAU, 1985, p. 30), ou seja, outras coisas materiais foram sobrepondo-se à natureza, perseguiu-se o lucro pelo trabalho, não apenas o sustento, o que é necessário para viver. Buscou-se o conforto, a “vida boa”, afastando cada vez mais a raça humana da natureza. Com isso, outros sentimentos afloraram no homem, tais como a inveja, a ira e a ganância.

Em *Moby Dick* é possível encontrar essas duas fases do ser humano, representadas por Ismael e pelo Capitão Ahab e, além disso, destacam-se as consequências trazidas pela conduta de cada um. Elas são o que definem o desfecho da obra.

Primeiramente vamos analisar a conduta de Ismael. Na primeira vez que viu Queequeg, foi tomado por um sentimento de repulsa, um preconceito pelo fato de o homem ser um canibal. O homem branco, civilizado, é obrigado a dividir seu espaço com um selvagem, totalmente desconhecido. Há, nesse momento o encontro de dois mundos diferentes. Porém, Ismael e Queequeg tornaram-se grandes amigos e decidiram embarcar juntos em um navio baleeiro.

Queequeg é a verdadeira representação da natureza dentro da obra. Sua tribo venera profundamente a natureza e ele segue os preceitos de Yojo, que estão sempre voltados para ela, ele está em sintonia com as suas forças. Ismael, ao conhecer Queequeg verdadeiramente, perde o medo do nativo, aceita sua diferente forma de levar a vida, eles tornam-se verdadeiros amigos. Ele fala: “Sentíamos-nos tão completamente sociáveis, despreocupados e confortáveis (...)” (MELVILLE, 2012, p. 42).

Essa relação de cumplicidade que criam envolve muitas coisas, como abrir mão da sua própria crença e aceitar a crença do outro. Ora, Ismael é cristão, e Queequeg

adorava uma deusa pagã, porém ambos aceitaram as diferenças religiosas um do outro. Além disso, a cultura presente em cada um é totalmente diferente, o arpoador é um canibal, o americano faz parte da sociedade civilizada, cada um tem seus costumes. Mesmo com essas diferenças, a amizade entre eles é verdadeira.

Agora, vamos refletir sobre o Capitão Ahab a partir da relação que ele tem com a baleia Moby Dick, que também representa a natureza dentro da obra. Quando ele tem sua perna arrancada, o desejo de vingança toma conta de sua mente e ele não pensa em mais nada, a não ser matá-la. Ahab perde totalmente o foco, esquece-se do objetivo do *Pequod* e de todos os homens que estavam ali trabalhando sob seu comando, que era apenas caçar baleias e reunir bastante espermacete, para quando voltar para Nantucket, receber suas partes em dinheiro. Perdendo o foco, Ahab faz com que todos absorvam o seu ódio e participem dessa perseguição.

Essa fixação por Moby Dick faz com que o ódio sobreponha-se a outros sentimentos, e ele esquece-se totalmente de seus valores, tais como o respeito pela natureza e pela religião. Ele afirma que ninguém é mais poderoso do que ele.

Traçando um paralelo entre Ismael e Ahab e assumindo que Queequeg e Moby Dick representam a natureza percebemos que, ao ser capaz de acolher o canibal dentro dos moldes da sociedade onde vive, Ismael teve a capacidade de *transcender*, de alcançar o autoconhecimento, pois teve sua aceitação da natureza. Já o Capitão Ahab, ao não conseguir ser vencido pela natureza e decidir enfrentá-la, não foi capaz de *transcender*, ou seja, não conseguiu chegar ao seu *self*, ao seu eu individual, não atingiu o conhecimento do universo.

Esse fato nos é comprovado quando descobrimos, no final da obra, que o Capitão Ahab é levado ao fundo do mar preso na baleia pelo seu arpão e que Ismael torna-se o único sobrevivente do naufrágio. A morte física de Ahab representa o inconsciente profundo, enquanto Ismael é presenteado com a vida e com a tarefa de contar essa história, ação que ele faz através da sua visão como homem comum. Apesar de ser complexa e envolver diversos outros temas, como a classificação científica das baleias, por exemplo, sua visão mostra, acima de tudo, a relação do homem com as forças da natureza, e o que acontece caso o ser humano queira

sobrepôr-se à ordem natural das coisas e lutar contra a natureza, esquecendo-se do seu papel em relação a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os dois aspectos sob os quais a obra *Moby Dick* (1851), de Herman Melville foi analisado - o histórico-social e o simbólico-mitológico – percebemos que se trata de um livro de profunda complexidade que aborda os aspectos mais íntimos do ser humano.

Primeiramente, sob a perspectiva histórico-social, nota-se que o autor conseguiu captar de que forma os homens do *Essex* mantiveram sua relação de companheirismo durante a luta pela sobrevivência. Esse aspecto envolve desde o desejo de continuar vivo até a coragem de comer a carne de seus próprios colegas. A reflexão feita por Melville sobre a atitude de cada integrante do *Essex* (como a de Lawson Thomas, ao dizer aos companheiros que permitiria que eles comessem sua carne caso morresse logo, ou como a do primeiro imediato Owen Chase ao assumir a liderança mais do que o próprio capitão, e fazer a divisão diária entre eles da pouca comida que restara), fez com que ele desenvolvesse personagens tão esféricas e profundas quanto os próprios homens reais, que viveram o naufrágio realmente.

A partir de suas personagens, juntamente com o acontecimento que foi a causa disso tudo — o ataque da baleia cachalote — Melville criou um novo enredo revestido de símbolos a fim de enriquecer seu universo narrativo e destacar a relação do homem com a natureza, envolvendo sua obra no contexto do Romantismo norte-americano e nos preceitos do Transcendentalismo.

Em *Moby Dick*, conforme explicitado na seção anterior, temos dois exemplos de relação do homem com a natureza. Em Ismael, o primeiro exemplo, temos o homem que consegue transcender, consegue aceitar e conviver com a natureza e o que ela impõe. A principal prova disso é a cumplicidade entre ele e o selvagem Queequeg, que seria a incorporação da natureza na obra. Por isso ele acaba sendo o único sobrevivente. Por isso é ele quem deve relatar ao mundo essa história, porque ele não irá distorcer o fato e nem assumir um lado ou outro. Podemos até nos perguntar: por que só Ismael sobreviveu? Havia no navio homens que não queriam participar dessa caça a *Moby Dick*. No entanto, esses homens ou se deixam levar pela ira de Ahab ou

tentam confrontá-lo. Ismael, pelo contrário, não assume vingança alguma e nem tenta se opor ao capitão. Apenas faz aquilo que é ordenado a fazer.

Outro questionamento poderia ser feito: por que o selvagem Queequeg não sobreviveu também? É possível afirmar aqui que o nativo apenas retornou à natureza, lugar onde pertencia de fato. Tanto é que, quando o selvagem é tomado pela febre que o faz solicitar o caixão, o seu desejo é ser jogado no mar dentro do caixão quando morresse, ou seja, de uma forma ou de outra, o seu destino é retornar a natureza. Pela sua religião, a morte não é algo ruim, é algo que vai chegar a ele no momento em que ele sentir que deve acontecer.

A segunda relação com a natureza é representada por Ahab. Ele, ao contrário de Ismael, deseja dominar a natureza, e essa dominação seria consumada com a morte de Moby Dick. Porém, ele não foi capaz de transcender e aceitar o fato de que a natureza está além do ser humano e que é insensatez tentar subestimá-la.

Anteriormente, no segundo capítulo desse trabalho, Ahab foi citado como um exemplo de ser humano que representa o *self* dentro do transcendentalismo. Entretanto, o seu individualismo deixa de ser saudável e passa a ser um egoísmo profundo, que o deixa cego por um único desejo, que o faz colocar seu sonho acima do mito comum a todos no *Pequod*, que o faz quebrar o mito básico da caçada e que resulta na morte de todos os marinheiros do navio, exceto Ismael.

Portanto, podemos dizer que todos os objetivos propostos com relação à análise foram alcançados e que comprovamos o intuito de apresentar um novo olhar para um romance que não deixa de intrigar gerações de leitores no mundo todo. A cada leitura *Moby Dick* se transforma num exemplo de sagacidade, luta e desafios que a natureza impõe ao ser humano e às próprias criaturas que a habitam. A baleia se apresenta como agente de uma ação transformadora e revitalizadora em que o homem tem que enfrentar suas próprias limitações e, ao mesmo tempo, aprender a lidar com forças que estão além de sua compreensão e dominação física. Ahab luta e perece; Moby Dick luta, perece e aniquila seu algoz; Ismael aceita sua condição humana e ao não subjugar a natureza se transforma em parte integrante da mesma através de sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. São Paulo: Ave Maria, 2000.

BODE, C. **Highlights of American Literature**. Washington D. C.: University of Maryland, 2005.

CALDAS, C. Elementos religiosos em *Moby Dick*, de Herman Melville: da (re) descoberta da importância da literatura para o estudo da religião. **Ciências da religião: história e sociedade**. Brasil, v. 2, n. 2, p. 161- 176, 2004. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2321>> acesso em: 15 nov. 2013.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

CANDIDO, A. **A personagem no Romance**. In: CANDIDO, a. et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970. (p. 53-83)

_____. **Literatura e sociedade**. 3ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHEVALIER. J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CIRLOT, J. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, A. S. **Literatura Norte-Americana**. IESDE: Brasil, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse**. 2. ed. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1979.

McWILLIAMS, S. Ahab, American. **The review of politics**, Indiana. v. 74, iss. 02, p. 233- 260, abr, 2012. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8547718&fulltextType=RA&fileId=S0034670512000277>> acesso em: 15 nov. 2013.

MELVILLE, H. **Moby Dick ou A Baleia**. São Paulo: Landmark, 2012.

NASSER, J. M. **Expedições pelo Mundo da Cultura**. [Curitiba], 18 jul. 2009.

REIS, Cláudia. **Memória e recepção: mensagem do museu**. [Rio de Janeiro], 29 mar. 2003.

PARKER, R. D. **How to interpret literature**. New York: Oxford University Press, 2008. 218-239.

PAZ, R. Da ordem mítica ao “caos enfeitado”: o homem e o mundo na Odisséia de Homero e em Moby Dick, de Hermam Melville. **Revista de filosofia**. Curitiba. v. 15, n. 17, p. 29-41, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd1=113&dd99=pdf>> acesso em: 15 nov. 2013.

PHILBRICK, N. **No coração do mar**. A história real que inspirou o Moby Dick de Hermam Melville. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RULAND, R.; BRADBURY, M. **From Puritanism to Postmodernism: a history of American literature**. Penguin Books, 1991.

SOUZA, R. A. Q. de. **Teoria da Literatura**. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. Série Princípios.

THOREAU, H. D. **Walden**. 3 ed. São Paulo: Global Editora, 1985.

VANSPANCKEREN, K. **Panorama da Literatura nos EUA**. 1994. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/HTML/literatureinbrief/literature-in-brief-port.pdf>> acesso em: 20 nov. 2013.